

Mídia  
Data/Edição  
Categoria  
Evento

Jornal  
03.Julho.2017  
Artigo  
Obra Beatriz Milhazes

Veículo  
Seção  
Autor  
Catalogação

O Globo  
Segundo Caderno  
Luísa Duarte  
COD.RN.00002.2017

## Artes visuais

# UM NOVO DESENHO DO AFETO

Mostra de Rivane Neuenschwander no Museu de Arte do Rio confirma potência vital e poética na obra da artista

### Crítica

#### "O NOME DO MEDO"

ONDE: Museu de Arte do Rio — Praça Mauá 5, Centro (3031-2741).  
QUANDO: Ter. a dom., das 10h às 17h. Até 16/7. QUANTO: R\$ 20 (às ter., gratuito). CLASSIFICAÇÃO: Livre.

LUÍSA DUARTE  
segundocaderno@oglobo.com.br

O medo ocupa um espaço determinante na nossa época. Trump ganhou evocando o medo do outro. O Brexit, idem. A austeridade é imposta em todos os cantos via alarme: remédio amargo ou caos. O medo nos cerca, nos paralisa. Na escala macro, mas também na micro. Quando o medo predomina agimos negociando o mínimo, trata-se menos de viver do que de não morrer. É como se a vida, sob o seu regime, se tornasse sobrevivência, e não experiência em sua mais alta potência. Isso vale para uma nação, isso vale para uma pessoa. Mas note-se, essa mesma época cindida pelo medo é também a que exige que posemos, a todo momento, de fortes, seguros, bem resolvidos. Existe aí uma contradição, por um lado o temor e a obsessão por segurança, por outro a exigência de uma pessoa que transmita um ar destemido. Isso, novamente, vale para um país, vale para um indivíduo. A obra de Rivane Neuenschwander, uma das



Capas. As obras feitas a partir de oficinas com crianças; abaixo, as que traduzem "filme de terror" e "pessoa bêbada"

mais importantes artistas do Brasil, trata, desde sempre, dos interditos, dos afetos e das tentativas de comunicação que não encontram uma linha reta, mas sim gaguejam pelo caminho. Afetos e linguagens claudicantes que podem achar na esfera da arte uma certa tradução que os acolhe em sua singularidade errática, os tornando fonte de vitalidade, e não puro sintoma de fraqueza. Nesse processo, em muitos casos, a artista inclui o outro — público, participantes — o tornando parte essencial da engrenagem do que iremos

chamar de obra ao final.

Todos esses aspectos estão presentes na mostra "O nome do medo", curada por Lisette Lagnado, no MAR. Primeira individual da artista no Rio, a exposição é fruto de oficinas realizadas em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage com cerca de 200 crianças de 6 a 13 anos, de diferentes classes sociais e regiões da cidade, em torno da nomeação dos seus medos. A partir da pergunta simples — do que você tem medo? — a artista convidava cada um a desenhar uma capa diante da resposta. Desde os medos mais aparentemente prosaicos, como de escuro e de jacaré, até aqueles di-



retamente relacionados ao meio em que se vive, como os desastres naturais ou da polícia, todos eram transfigurados, de forma lúdica, em um desenho de capa que as protegeria potencialmente de seus temores.

Longe dos super-heróis, as referências de Rivane nesse processo estavam nos parangolés de Hélio Oiticica, no manto de Bispo do Rosário, no "Divisor", de Lygia Pape, ou ainda em produções recentes de Cabelo e Laura Lima que evocam esse tipo de vestimenta. A etapa seguinte às oficinas consistiu no trabalho em parceria com o designer de moda Guto Carvalhonet no sentido de traduzir os desenhos das crianças. As capas que vemos no MAR, em meio a uma primorosa expografia de Alvaro Razuk, e que podem ser manuseadas e vestidas por todos que visitam a mostra, longe de representarem um gesto que visa "passar a limpo" o desenlace mais genuíno de cada criança, consistem, isso sim, em um momento no qual sai de cena o medo individual, para entrar em cena o coletivo. A criança reencontra o seu medo na arena pública, junto aos "medos" de todas as outras que fizeram parte do trabalho. Não por acaso todas as capas foram doadas pela artista para o MAR. O sentido público ao fim predomina sobre o privado. Assim, estamos diante de uma obra que passa por uma cadeia de falas, escutas, interpretações, tendo como esteio incontornável questões caras à psicanálise.

#### DRUMMOND E CAETANO NA GÊNESE DO PROJETO

De algum modo essa rede tem início antes. A artista afirma que um dos pontos deflagradores do trabalho foi o poema "Medo", de Carlos Drummond de Andrade, que por sua vez a levou a escutar com outros ouvidos "Araçá Azul", de Caetano Veloso, cujos versos inspiram o título dado à exposição. "O nome do medo" é uma mostra resistente a uma resenha breve como essa. Feita de inúmeras etapas, tecida por muitos, constitui-se em um ato extenso que revela a potência contida na pesquisa de Rivane Neuenschwander. Em uma época na qual o medo ergue muros e promove guerras, tê-lo como leitmotiv em uma troca com crianças, mobilizando-o com vistas a uma potência vital e poética, se trata de redesenhar o destino dos afetos e, nesse mesmo lance, quem sabe, não endereçar uma outra cartografia de mundo. Certamente menos bélica e mais amorosa e libertária. ●